

UNIDADE 4

COMO ORGANIZAR A PESQUISA?

4.1 OBJETIVO GERAL

Informar o que precisa ser apresentado como procedimentos metodológicos e explicar como elaborar um cronograma de pesquisa.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- a) identificar os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento de um trabalho científico;
 - b) elaborar um cronograma para o desenvolvimento de uma pesquisa.
-

4.3 INTRODUÇÃO

Chegamos à última unidade da disciplina e, com isso, aos itens de finalização do seu pré-projeto de pesquisa. Fazendo uma retrospectiva do que estudamos até este ponto da disciplina, constatamos que, nas três unidades estudadas até agora, demos conta da maioria dos itens propostos na Figura 2 da primeira unidade (veja-a abaixo), restando para esta última etapa os itens: procedimentos metodológicos e cronograma.

Figura 31 – Etapas do projeto de pesquisa



Fonte: Produção da autora (2017).

Na verdade, podemos dizer que esses são elementos informativos e organizadores do trabalho de pesquisa como um todo. Isso porque, ao escrever os procedimentos metodológicos, o pesquisador irá informar as suas escolhas no que diz respeito ao tipo de pesquisa a ser realizada, aos instrumentos, técnicas e métodos que serão utilizados. Com relação ao

cronograma, trata-se de um elemento organizador do tempo do estudo. Sendo assim, ao elaborá-lo, você estará cuidando para que o seu tempo de dedicação ao desenvolvimento do trabalho seja cumprido e não sejam esquecidas etapas importantes. Mas esse é apenas um resumo do que temos para estudar agora.

Está pronto(a) para esta última parte? Então vamos em frente!

4.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: QUE CAMINHOS PERCORRER?

Figura 32 – Para onde vou agora?



Fonte: Pixabay (2016).²¹

Com todos os principais itens da pesquisa definidos: assunto específico, pergunta(s) e problema da pesquisa, justificativa, referencial teórico, hipótese e objetivos, o próximo passo é definir que tipo de pesquisa você irá realizar e, de acordo com essa decisão, quais serão as escolhas para colher e tratar os dados, delimitar o universo da pesquisa, a seleção de amostra, etc. Ou seja, nesse item do pré-projeto você irá informar detalhadamente como realizará a pesquisa.

²¹ Disponível em: <https://pixabay.com/pt/escolher-o-caminho-certo-1536336>.

Como há disciplinas específicas no curso para lidar com as definições e detalhes dos métodos e técnicas de pesquisa, das abordagens quantitativas e qualitativas, categorias de análise, etc. (disciplinas Metodologia de Pesquisa Científica I e Métodos Quantitativos, Qualitativos e Mistos de Pesquisa), não trataremos disso aqui novamente, pois basta você recorrer ao material dessas disciplinas para lembrar o que foi estudado. No entanto, embora não tratemos aqui de todos os itens de procedimentos metodológicos, eles devem estar presentes no seu projeto de pesquisa, ok?

Sendo assim, tendo tudo isso como base, neste ponto do trabalho é necessário que você informe:

- a) que tipo de pesquisa irá realizar (pesquisa bibliográfica, documental, aplicada; estudo de caso, etc.);
- b) qual será a abordagem utilizada (quantitativa, qualitativa ou quanti-quali);
- c) qual será o universo ou população da pesquisa (este tópico não cabe para uma pesquisa bibliográfica ou documental);
- d) dentro do universo definido, qual será a amostra do estudo;
- e) qual será o instrumento de coleta de dados, caso você faça uso disso na sua pesquisa (questionários, entrevista, etc.) – anexar o instrumento ao trabalho completo;
- f) como será feita a análise dos dados;
- g) qual é o cronograma de realização da pesquisa.

É provável que, no momento inicial das definições do seu pré-projeto de pesquisa, alguns desses itens ainda não estejam muito bem definidos, ou que você ainda tenha dúvida sobre uma ou outra escolha. Não tem problema. Essas dúvidas e indecisões também fazem parte do processo, pois é a partir delas que você irá amadurecer como pesquisador buscando conhecer melhor os diferentes tipos de pesquisas, técnicas, métodos, abordagens, etc. Só assim o seu entendimento sobre tudo isso será melhor.

Bem, mas vamos ao detalhamento de alguns desses itens.

4.4.1 Universo de pesquisa: como defini-lo?

Falamos em universo ou população de pesquisa quando, na investigação, é necessário coletar informações sobre um ou mais aspectos de um grande grupo (numeroso). Como é praticamente impossível conseguir tais informações do grupo todo, faz-se a investigação com apenas uma parte dessa população ou universo. A grande questão nesse caso é escolher uma amostra que seja a mais representativa possível do todo, pois, assim, a partir dos resultados obtidos será possível inferir com legitimidade os resultados do universo (OLIVEIRA, 1997).

Como comentado no item anterior, em pesquisa bibliográfica ou documental não há definição de universo ou população, uma vez que o estudo é teórico, e não direcionado ao tipo de pesquisa em que é necessário coletar informações de campo.

Não há regra para se definir o universo ou população de uma pesquisa, uma vez que tal definição depende do assunto a ser investigado. No entanto, para definir a amostra, ou seja, a porção ou parcela do universo

Universo ou população

De acordo com Gil (1994, p. 91-92), universo ou população

[...] é um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características. Comumente fala-se de população como referência ao total de habitantes de determinado lugar. Todavia, em termos estatísticos, uma população pode ser definida como o conjunto de alunos matriculados numa escola, os operários filiados a um sindicato, todos os integrantes de um rebanho de determinada localidade, o total de indústrias de uma cidade, toda a produção de televisores de uma fábrica etc.

Semestre

6

que, de fato, será submetida à verificação, é preciso ficar atento(a) aos procedimentos indicados pelos diferentes tipos de amostragem. Mas isso vamos estudar no próximo tópico!

4.4.2 Sujeitos de pesquisa: é importante ter uma boa amostra

Figura 33 – Escolher uma boa amostra é fundamental para o sucesso da pesquisa



Fonte: Pixabay (2017).²²

Como vimos no tópico anterior, é praticamente impossível realizar uma pesquisa com todo o universo desejado. Sendo assim, é preciso selecionar uma amostra desse universo que seja representativa. Mas o que significa isso exatamente? Como selecionar essa amostra? É o que vamos estudar agora!

Conforme Gil (1994, p. 92), amostra é um

[...] subconjunto do universo ou da população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo ou população. Uma amostra pode ser constituída, por exemplo, por cem empregados de uma população de 4.000 que trabalham em uma fábrica. Outro exemplo de amostra pode ser dado por determinado número de escolas que integram a rede estadual de ensino. Outros exemplos: uma quantidade definida de peixes retirados de determinado rio, certo número de parafusos retirados do total da produção diária de uma indústria ou um cálice de vinho de um tonel.

Colocando de outro modo, se você, por exemplo, quiser fazer uma pesquisa que envolva obter informação dos alunos do curso de Biblioteconomia da sua universidade, será muito difícil conseguir entrevistar ou mesmo enviar um questionário a todos eles, concorda? Então, a solução será escolher alguns desses alunos (uma amostra) para fazer a entrevista ou responder o questionário, mas essa escolha não pode ser aleatória. A amostra deve ser bem escolhida para que, de fato, o grupo selecionado represente o grande grupo de alunos do curso.

²² Disponível em: <https://pixabay.com/pt/planta-natureza-escolher-mão-2605181>.

Você já estudou isso com mais detalhes nas disciplinas Metodologia de Pesquisa Científica I e Métodos Quantitativos, Qualitativos e Mistos de Pesquisa, mas é bom lembrar que há dois grandes grupos de amostragem: probabilística e não probabilística. Os tipos da amostragem probabilística são rigorosamente científicos e se baseiam nas leis estatísticas. Já os tipos da amostragem não probabilística dependem unicamente de critérios do pesquisador, não se atendo a fundamentações matemáticas ou estatísticas (GIL, 1994).

Por fim, é preciso determinar o tamanho da amostra, pois, embora já saibamos que não é possível obter informação de todos os elementos de um grupo, tem-se que delimitar quantas serão as pessoas entrevistadas, por exemplo. Sobre isso, Gil (1994, p. 98) afirma que:

Para que uma amostra represente com fidedignidade as características do universo, deve ser composta por um número suficiente de casos. Este número, por sua vez, depende dos seguintes fatores: extensão do universo, nível de confiança estabelecido, erro máximo permitido e percentagem com a qual o fenômeno se verifica.

Desse modo, o ideal é que todos esses fatores sejam considerados no momento de determinar o tamanho da amostra de uma pesquisa. Fique atento(a)!

4.4.3 Instrumentos de coleta de dados

Figura 34 – Qual a melhor forma de coletar os dados?



Fonte: Freepik (20--?).²³

Embora você já tenha estudado esse assunto, é bom lembrar que:

A coleta de dados ocorre após a definição clara e precisa do tema, ou problema, que se pretende investigar, da definição dos objetivos, da revisão bibliográfica, da identificação das variáveis e da opção sobre o tipo de estudo (MARTINS; LINTZ, 2007, p. 31).

²³ Disponível em: http://br.freepik.com/fotos-gratis/testes-laboratoriais-com-tubos-de-ensaio_1162882.htm.



Assim como vimos sobre a definição de universo ou população da pesquisa, a etapa de coleta de dados também só acontece se o tipo de estudo envolver análises de dados e informações e, portanto, precisar coletar tais dados e informações de uma determinada amostra. Se este for o caso, é necessário que o pesquisador escolha um (ou mais) dos instrumentos de coleta de dados: questionários, entrevista, observação, etc., considerando que a escolha deve ser feita pelo(s) instrumento(s) que for(em) mais adequado(s) ao tipo de pesquisa.

Após a definição, a primeira coisa a fazer antes de iniciar a construção de um instrumento para coleta de dados, é avaliar

[...] a possibilidade de uso de um instrumento já desenvolvido e aplicado que se adapte às necessidades de seu estudo. O uso de instrumento já testado poderá garantir confiabilidade e validade às medidas a serem obtidas. (MARTINS; LINTZ, 2007, p. 31).

Todavia, se a opção for para construir o seu próprio instrumento de coleta de dados, o procedimento para tal construção deve atender aos seguintes passos, segundo Martins e Lintz (2007):

- a) listar as variáveis que se quer medir ou descrever;
- b) revisar o significado e a definição conceitual de cada variável;
- c) identificar como será medida, ou descrita, cada variável.

A partir desse entendimento, vamos rever agora três dos instrumentos mais utilizados em trabalhos de conclusão de curso, suas vantagens e desvantagens, assim como algumas dicas para elaborá-los.

4.4.3.1 Questionários

O questionário é um dos instrumentos mais utilizados para coleta de dados em pesquisas e, por isso mesmo, é importante conhecer bem as suas características, vantagens e desvantagens. Então, vamos a elas?

Segundo Gil (1994), as vantagens em se utilizar os questionários para coleta de dados são as seguintes:

- a) é possível atingir grande número de pessoas, mesmo que geograficamente estejam longe, uma vez que é possível fazê-lo com um dos recursos *web* (por exemplo: formulário do *Google Docs*) e distribuí-lo por e-mail ou enviando o *link*;
- b) garante o anonimato das respostas;
- c) permite que as pessoas respondam no momento que for melhor para elas;
- d) não expõe as pessoas pesquisadas à influência (de opinião e aspecto pessoal) do pesquisador.

No entanto, ainda segundo Gil (1994), também há desvantagens no uso do questionário, conforme apontado a seguir:

- a) as pessoas que não sabem ler e escrever são excluídas de participar da pesquisa;
- b) dúvidas sobre o entendimento e compreensão de algumas questões ficam prejudicadas pelo fato de o pesquisador não estar próximo;

- c) não há garantia de que todos os questionários enviados sejam recebidos de volta com as respostas;
- d) deve conter número relativamente pequeno de perguntas, uma vez que questionários muito extensos tendem a não ser respondidos;
- e) como os itens podem ter significado diferente para cada pessoa pesquisada, os resultados podem ser críticos em relação à objetividade.

No que diz respeito à construção do questionário, ele deve traduzir os objetivos específicos da pesquisa. Desse modo, a elaboração dos objetivos deve ter sido primorosa para não colocar tudo em risco (GIL, 1994).

Para Martins e Lintz (2007), as perguntas do questionário devem ter as seguintes características:

- a) ser claras e compreensíveis para quem irá responder;
- b) não causar desconforto aos respondentes;
- c) abordar apenas um aspecto por vez;
- d) jamais induzir determinadas respostas;
- e) ser escritas em linguagem adequada ao público que as responderá.

Com relação aos tipos de perguntas, há três categorias: abertas, fechadas e duplas, sendo que há diferentes tipos de perguntas abertas e fechadas (MARTINS; LINTZ, 2007). Então, que tal dar uma olhada com atenção para lembrar tudo isso para que possa escolher a mais adequada ao seu trabalho? Seguindo em frente temos:

- a) Questões fechadas:
 - **dicotômicas** são aquelas que apresentam uma pergunta com duas respostas possíveis, por exemplo, sim ou não;
 - **múltipla escolha** é a que apresenta uma pergunta com várias alternativas de respostas. Importante ressaltar que há questões em que o respondente pode escolher mais do que uma opção de resposta;
 - **outros tipos:**
 - oferecer um conjunto de opções para que o respondente as ordene. Exemplo: 1º lugar; 2º lugar, etc.;
 - oferecer um conjunto de opções para que o respondente dê nota a cada uma delas. Exemplo: nota de 0 (zero) a 10 (dez);
 - usar **escalas para medir atitudes**.

- b) questões abertas:
 - **totalmente desestruturadas** são aquelas em que as perguntas conduzem a pessoa a responder livremente com frases e orações. Exemplo: Qual é a sua opinião sobre literatura?;
 - **associação de palavras** é a que pede ao respondente para dizer a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando ouve ou lê algo. Exemplo: Qual é a primeira palavra que vem à sua cabeça quando ouve a palavra biblioteca?;



- **complemento de frase** é quando se apresenta uma frase incompleta ao respondente para que ele a preencha. Exemplo: quando desejo comprar livros, vou....
- c) questões duplas são aquelas em que em uma única pergunta reúnem-se uma pergunta fechada e uma aberta, sendo que, em geral, a pergunta aberta é do tipo “Por quê?”.



Explicativo

Escalas para medir atitudes

Figura 35 – Exemplo de escala tipo *Likert*

Exemplo de escala tipo Likert

“Votar é obrigação de todo cidadão responsável”

Discordo totalmente

Discordo

Nem concordo nem discordo

Concordo

Concordo totalmente

Fonte: Produção da autora (2017).

A atitude é inerente ao ser humano. Ou seja, em toda e qualquer situação temos uma maneira de nos comportar, reagir ou agir. Portanto, uma pesquisa que necessita compreender como as pessoas se comportam diante de um determinado objeto, símbolo ou situação recorre ao uso das escalas para medir atitudes para obter seus resultados (MARTINS; LINTZ, 2007).

De acordo com Martins e Lintz (2007, p. 34):

As atitudes são indicadores de condutas. A atitude é uma semente, que, sob certas condições, pode germinar um comportamento.

As atitudes têm diversas propriedades; entre elas, destacam-se: direção (positiva ou negativa) e intensidade (alta e baixa), e tais propriedades constituem objeto de medições.

Ainda segundo esses autores, para fazer tais medições existem alguns tipos de escalas, são elas: *Likert* (Figura 35), diferencial semântico; escala de importância e escala de avaliação, sendo as duas últimas variações da escala *Likert*.

Como vimos neste tópico, elaborar um questionário não é tão simples como muitas vezes pensamos ser. Existem regras que devem ser seguidas e cuidados que se deve ter para que, no fim, de fato, sejam obtidos resultados significativos para a pesquisa.

Bem, mas questionários são apenas um dos instrumentos de coleta de dados. Vamos agora relembrar sobre as entrevistas? Siga em frente!

4.4.3.2 Entrevistas

Figura 36 – Compreendendo melhor a percepção do entrevistado



Fonte: Pixabay (2016).²⁴

Assim como o questionário, a entrevista também é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas. Mas há diferenças entre um e outro e, portanto, tem-se que conhecer as características de cada um para escolher qual se adequa mais à sua pesquisa, certo? Então, vamos aos detalhes.

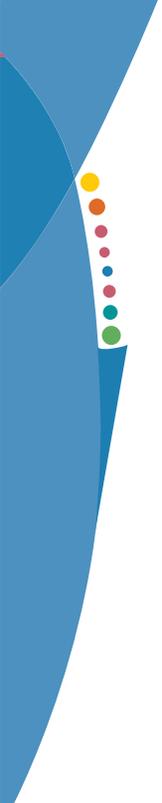
Para Martins e Lintz (2007), a entrevista é uma técnica que tem como objetivo entender e compreender o significado que o entrevistado dá a determinadas questões e situações. Complementando esse entendimento, Selltiz *et al.* (1967 *apud* GIL, 1994, p. 113) afirmam:

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.

Com relação às vantagens e desvantagens da entrevista, Gil (1994) nos dá algumas informações. Para tratar das vantagens, ele traça um comparativo entre a entrevista e o questionário e aí temos que:

- a) a entrevista é muito eficiente para se obter dados em profundidade sobre o comportamento humano;
- b) não é preciso que o entrevistado saiba ler ou escrever;

²⁴ Disponível em: <https://pixabay.com/pt/olho-de-rastreamento-1791845>.

- 
- c) possibilita conseguir maior número de respostas, já que as entrevistas são agendadas e, portanto, o pesquisador sairá delas com as respostas;
 - d) é diferente do questionário, que é enviado mas não há garantia de que a pessoa o devolverá respondido;
 - e) tem maior flexibilidade, uma vez que o entrevistador pode esclarecer dúvidas sobre o entendimento das perguntas e adaptar-se ao público e às circunstâncias do contexto;
 - f) permite captar a expressão corporal do entrevistado, assim como o tom de voz e a ênfase nas respostas.

Com relação às desvantagens, temos:

- a) falta de motivação do entrevistado;
- b) a compreensão inadequada sobre as perguntas feitas;
- c) obtenção de respostas falsas, por razões conscientes ou inconscientes;
- d) incapacidade ou inabilidade do entrevistado para responder as perguntas;
- e) a influência que o entrevistador pode exercer sobre o entrevistado;
- f) a influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas obtidas.

É possível, no entanto, ao menos tentar minimizar esses itens classificados como desvantagens seguindo algumas dicas dos autores Martins e Lintz (2007) e Oliveira (1997):

- a) planeje a entrevista, tendo claro o objetivo a ser alcançado;
- b) formule perguntas claras;
- c) se possível, obtenha informações sobre o entrevistado antes de encontrá-lo;
- d) fique atento aos itens que o entrevistado quer esclarecer, sem manifestar suas opiniões;
- e) não influencie a pessoa;
- f) ganhe e mantenha a confiança do entrevistado, deixando-o à vontade;
- g) ouça mais do que fale;
- h) não divague;
- i) registre os dados e informações durante o evento;
- j) grave a entrevista, desde que com o consentimento do entrevistado;
- k) se for preciso, formule perguntas secundárias, como: O que o faz pensar assim? Fale mais sobre isso. O que você parece estar dizendo/sentindo é que...

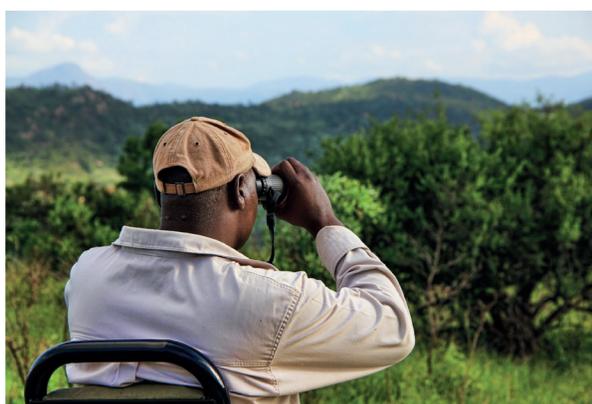
Tenho certeza de que, se você prestar atenção a todas essas dicas, fará uma excelente entrevista e conseguirá obter dados bem significativos na sua pesquisa. Por fim, a última informação que você precisa lembrar sobre as entrevistas é que elas são divididas em dois tipos:

- a) estruturadas: aquelas que são orientadas por um roteiro de entrevista previamente definido. Não é permitido adaptar as perguntas, inverter a ordem delas ou acrescentar outras. Tem-se que seguir o roteiro;
- b) não estruturadas ou semiestruturadas: nestas, o entrevistador tem maior liberdade e não precisa seguir o roteiro. Isto permite que uma questão possa ser mais amplamente explorada por meio de conversação livre.

Seguimos agora para a revisão do nosso último instrumento de coleta de dados: a observação – mas lembre-se de que há outros além desses três aqui abordados. Vamos a ela!

4.4.3.3 Observação

Figura 37 – Há várias formas de observação em uma pesquisa



Fonte: Pixabay (2015).²⁵

A observação está presente e é imprescindível em vários momentos da pesquisa, desde o início, com a escolha/formulação do problema, até a coleta, análise e interpretação dos dados. No entanto, é na fase da coleta de dados que o seu papel é mais evidente, sendo utilizada exclusivamente ou em conjunto com outras técnicas (GIL, 1994).

Como afirmam Martins e Lintz (2007, p. 31-32):

As técnicas observacionais são procedimentos de natureza sensorial. A observação, ao mesmo tempo em que permite a coleta de dados de situações, envolve a percepção sensorial do observador, distinguindo-se, enquanto prática científica, da observação da rotina diária. Pode-se afirmar que o planejamento e execução dos trabalhos de campo de uma pesquisa não podem desconsiderar a observação como uma das técnicas de coleta de dados e informações. Aliás, a maioria dos estudos tem início com atentas observações sobre situações que se pretende investigar.

Assim como os questionários e as entrevistas, a observação como instrumento de coleta de dados também apresenta vantagens e desvantagens que você deve conhecer.

²⁵ Disponível em: <https://pixabay.com/pt/pedúnculo-áfrica-binóculo-bush-86382>.



A principal vantagem que a observação tem sobre outras técnicas é que os fatos são percebidos diretamente pelo pesquisador e, portanto, a subjetividade que normalmente permeia o processo de investigação tende a ser reduzido. Já a principal desvantagem está no fato de que a presença do pesquisador pode influenciar o comportamento do(s) observado(s), diminuindo a espontaneidade (GIL, 1994).

No que diz respeito ao modo de fazer uso da observação, Martins e Lintz (2007) dão algumas dicas:

- a) antes da observação o pesquisador deve ter realizado pesquisa bibliográfica em busca do estado da arte sobre o assunto estudado, pois é preciso que haja fundamento e embasamento para aplicar a técnica ao propósito do estudo;
- b) é necessário fazer planejamento cuidadoso do trabalho;
- c) o plano de trabalho deve delimitar bem o que será estudado, indicar o que deve ser observado, a maneira de observar, a duração, periodicidade e o modo como os registros e controles devem ser feitos para garantir a validade e confiabilidade;
- d) o observador deve ser preparado e ter competência para observar e obter dados com imparcialidade. Deve ter paciência e ética. E não deve contaminar os dados e informações com suas opiniões e interpretações.

Com relação às formas de se fazer observação, elas são variadas em função do envolvimento do pesquisador com o fenômeno e o ambiente pesquisado, resultando, assim, em três tipos:

- a) observação simples: neste tipo, o pesquisador é um espectador, pois fica alheio à comunidade, ao grupo ou à situação a ser estudados e observa os fatos de maneira espontânea.
- b) observação participante: já neste caso, o pesquisador tem participação real na vida da comunidade, do grupo ou situação. Ele assume, até certo ponto, papel de membro do grupo para viver as situações que quer pesquisar.
- c) observação sistemática: este tipo de observação é utilizada em pesquisas que têm como foco a descrição precisa de determinado fenômeno e, por essa razão, é realizada com plano de observação previamente elaborado (GIL, 1994).

Por fim, como afirmam Martins e Lintz (2007, p. 32), “observar não é apenas ver”. Sendo assim, ao escolher fazer uso da observação como instrumento de coleta de dados, é preciso estar atento aos cuidados necessários e qual é o tipo que mais se adequa aos objetivos que o seu trabalho pretende alcançar. Então, fique atento(a)!

Agora, que tal fazer uma atividade para colocar tudo isso que estudamos em prática? Vá em frente, pois ao final dela você terá uma boa parte do seu trabalho pensado e definido.



4.4.4 Atividade

Atende ao objetivo a

Definindo os caminhos da pesquisa

Recupere tudo o que você já definiu no seu projeto de pesquisa (resultado de todas as atividades propostas nas unidades anteriores) e, com base nas definições já estabelecidas, preencha o quadro a seguir com os procedimentos metodológicos de que irá fazer uso para desenvolver o seu TCC.

Neste quadro estão os itens mencionados no texto, no entanto, caso queira e sinta necessidade, você pode inserir novos itens e aumentar o seu quadro. É provável que você tenha de voltar aos materiais da disciplina Metodologia de Pesquisa Científica I para lembrar alguns dos itens já estudados lá, então, faça isso antes de começar a preencher o quadro. Assim, você será mais assertivo e partirá de escolhas fundamentadas.

Tipo de pesquisa:	
Abordagem:	
Universo da pesquisa:	
Amostra:	
Instrumento de coleta de dados:	
Análise dos dados:	

Resposta comentada

Mais uma vez, não há uma resposta padrão porque tudo dependerá das suas escolhas: desde o tema até a metodologia mais adequada para pesquisá-lo. O preenchimento desse quadro será extremamente útil para você estruturar com clareza seu projeto de pesquisa. Por isso, se for o caso, faça uma releitura atenta de tudo o que conversamos até aqui.

Há outros elementos do quadro que você estudará na disciplina Métodos Quantitativos, Qualitativos e Mistos de Pesquisa, então não tem problema se deixá-los em branco agora, mas é importante que depois volte e complete o que faltou. Com esse quadro preenchido, você terá o tópico “procedimentos metodológicos” do seu projeto de pesquisa pronto. Então, vale a pena fazê-lo, concorda?

Entre todos os itens apontados como necessários de serem informados como procedimentos metodológicos a serem seguidos, você já estudou alguns, irá estudar outros em outra disciplina, mas o cronograma ainda faz parte do nosso trabalho. Então, vamos a ele para saber o que é e como criar um?



4.5 CRONOGRAMA: COMO ADMINISTRAR O TEMPO

Figura 38 – Você vai precisar se organizar muito bem



Fonte: Pixabay (2017).²⁶

Uma vez planejados todos os itens textuais do pré-projeto de pesquisa, no momento inicial do estudo é preciso também apresentar um cronograma da realização do trabalho, ou seja, uma organização do tempo que será dedicado à elaboração e ao desenvolvimento do TCC.

Embora alguns pesquisadores iniciantes julguem isso desnecessário por se acharem muito organizados e não precisarem desse tipo de controle, não se engane e faça o seu cronograma, pois ele irá lhe ajudar a não se perder no tempo que tem para fazer a sua pesquisa.

A administração do tempo não é uma coisa simples de se fazer. Embora tenhamos de lidar com ela todos os dias – desde a hora que acordamos até a hora em que vamos dormir temos que gerenciar o tempo de cada tarefa –, é muito comum as pessoas se perderem nos prazos que têm a cumprir por deixarem para realizar as tarefas, leituras, estudos, etc. nas últimas semanas ou últimos dias. E aí a consequência natural é ter problemas.

Para evitar que isso aconteça é que a elaboração do cronograma serve. A finalidade dele é prever quando se realizará cada fase da pesquisa. Para tanto, você deverá identificar as etapas do projeto, estimar o tempo necessário para cada uma e planejar as suas datas de início e fim. Para facilitar a leitura dessas informações, o cronograma deve ser representado graficamente, identificando as principais atividades, indicando quanto tempo e em que sequência elas serão executadas, conforme mostra o exemplo a seguir, no Quadro 4:

²⁶ Disponível em: <https://pixabay.com/pt/diário-caneta-teacup-escrita-2116244>.

Quadro 4 – Exemplo simplificado de cronograma para TCC

Etapas	Meses										
	mar.	abr.	mai.	jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.	
Estudo da fundamentação teórica											
Revisão do estado da arte & prática											
Entrega do relatório de Projeto I			20/05								
Desenvolvimento da solução											
...											
Redação do rascunho do TCC											
Entrega do rascunho do TCC									30/10		
Preparação da defesa pública											
Defesa pública										15/11	
Ajustes no relatório final do TCC											

Fonte: Produção da autora (2017).

Embora o exemplo apresentado no quadro anterior mostre o modo mais tradicional de se representar um cronograma, há inúmeros outros modelos. Então, caso você queira fugir da mesmice, faça uma busca na internet e veja outras possibilidades.

O cronograma deve ser planejado para o trabalho completo, do início até o fim, indicando marcos (por exemplo, a entrega do rascunho). Para ajudar nesse processo, faça as seguintes perguntas: **Quando o trabalho será feito? Em quanto tempo e quantos passos o trabalho será realizado? Quanto tempo será necessário para cada ação, atividade ou tarefa?**

Segundo Inácio Filho (2007), os elementos que devem constar de um cronograma são:

- duração total da pesquisa: de __/__/__ a __/__/__;
- delimitação e explicitação do problema;
- proposição da hipótese;
- estabelecimento do referencial teórico;
- leitura e fichamento bibliográfico;
- determinação da metodologia a ser desenvolvida;
- elaboração dos instrumentos da pesquisa (se for o caso);
- teste dos instrumentos (se for o caso);
- seleção da amostra (se for o caso);
- coleta de dados;
- análise e interpretação dos dados;
- elaboração da redação provisória;
- discussão e reformulação da redação;
- redação definitiva;
- datas de entrega dos relatórios parciais:
 - fichamento bibliográfico;
 - projeto de pesquisa;



- análise dos dados;
- monografia completa.

Embora os itens acima tenham sido indicados pelo autor Inácio Filho (2007), não existe obrigatoriedade alguma que você se limite a eles. Tenha-os como mínimo, ou seja, se você e o seu orientador de TCC identificarem outras etapas necessárias ao desenvolvimento do trabalho, inclua-as no seu cronograma. Não há nenhum problema em fazer isso.

Por fim, é importante que você saiba que o cronograma permite não só cumprir os prazos, mas também perceber a conveniência de alterar ou não o ritmo de desenvolvimento das atividades da pesquisa. Isso quer dizer que ele não é imutável. Uma vez percebida a necessidade de algum ajuste, faça a adequação.



4.5.1 Atividade

Atende ao objetivo b

Construindo o cronograma da pesquisa

Utilizando um *software* de edição de texto ou mesmo um de planilha eletrônica, comece a elaboração do cronograma da sua pesquisa de TCC. Conforme o exemplo apresentado aqui no texto, crie uma coluna para as etapas do processo e, ao lado, colunas com os meses.

Inicie definindo o tempo total que você tem para realizar todo o trabalho e coloque essa informação no arquivo que está criando (em novas colunas), assim, já conseguirá visualizar a quantidade de meses que terá para trabalhar.

Em seguida, identifique cada etapa do projeto e escreva-as na coluna “Etapas”. Depois, junto com o seu orientador, estime o tempo necessário para trabalhar em cada uma das etapas e registre isso preenchendo os quadros correspondentes às datas de início e fim de cada uma delas.

Resposta comentada

Assim como as demais atividades propostas nesta disciplina, nesta também não há como informarmos se o que você fez está correto ou não, uma vez que tudo depende das etapas do seu trabalho e do tempo que você tem para realizá-lo. Contudo, se você seguir as orientações que lhe demos aqui no texto, estamos certos de que será capaz de fazer um bom cronograma.

Uma dica é você apresentar e discutir o cronograma construído com o seu professor-orientador, pois ele sim poderá lhe sugerir correções ou adequações a serem feitas.

4.6 CONCLUSÃO

A elaboração do projeto de pesquisa é o passo inicial para o desenvolvimento de um trabalho acadêmico de conclusão de curso. É por meio dos itens do projeto que a pesquisa vai sendo definida e ganhando forma.

Uma vez definidos os itens que delimitam o estudo – assunto específico, pergunta e problema da pesquisa, justificativa, objetivos a serem alcançados, hipótese e referencial teórico –, chega a hora de tomar as decisões sobre os caminhos a serem percorridos, ou seja, definir que tipo de pesquisa será realizada e quais escolhas (técnicas, métodos, abordagens, etc.) serão feitas para que tudo o que foi previsto aconteça e se chegue aos resultados esperados. São os procedimentos metodológicos que deixam claro como a pesquisa será desenvolvida.

Com isso feito, o último elemento a ser elaborado é o cronograma. Com ele, o cumprimento dos prazos é mais garantido e não se corre o risco de esquecer determinadas etapas do processo e nem ter de fazer tudo correndo, na última hora. Trata-se de um recurso muito útil para a organização do tempo que se tem para a realização do TCC.

RESUMO

Nesta unidade, vimos que no projeto de pesquisa é preciso ter uma parte em que todos os procedimentos metodológicos sejam informados. Para isso, você terá que ter definido:

- a) que tipo de pesquisa irá realizar;
- b) qual será a abordagem utilizada;
- c) qual será o universo ou população da pesquisa;
- d) dentro do universo definido, qual será a amostra do estudo;
- e) qual será o instrumento de coleta de dados;
- f) como será feita a análise dos dados;
- g) qual é o cronograma de realização da pesquisa.

Embora, às vezes, negligenciado, o cronograma é um importante instrumento de controle dos prazos a serem cumpridos no desenvolvimento da pesquisa. Vimos que, uma vez definidas as etapas do processo, é importante que se defina também em quanto tempo cada uma delas será realizada e que tudo isto fique registrado graficamente – o que ajuda na visualização dos prazos.

Assim, concluímos esta disciplina. Esperamos que você tenha aproveitado as informações apresentadas nas quatro unidades e que, sempre que necessário, se lembre delas e volte ao material para tirar as suas dúvidas. Desejamos muito boa sorte e sucesso no desenvolvimento do seu TCC!



REFERÊNCIAS

ANJOS, L. dos. **Sistemas de classificação do conhecimento na filosofia e na biblioteconomia**: uma visão histórico-conceitual crítica com enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta. 2009. 291 f. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

DAL'EVEDOVE, P. R. **O tratamento temático da informação em abordagem sociocultural**: diretrizes para definição de política de indexação em bibliotecas universitárias. 2014. 266 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

INÁCIO FILHO, Geraldo. **Monografia sem complicações**: métodos e normas. Campinas: Papyrus, 2007.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1997.

MARTINS, Gilberto de Andrade; LINTZ, Alexandre. **Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MORAES, M. B. de. **As transformações dos processos de mediação da informação nos currículos de formação do bibliotecário brasileiro no contexto da sociedade da informação**. 2012. 201 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.



Faculdade de Administração
e Ciências Contábeis
Departamento
de Biblioteconomia



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85229-32-0



9 788585 229320

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85229-33-7



9 788585 229337